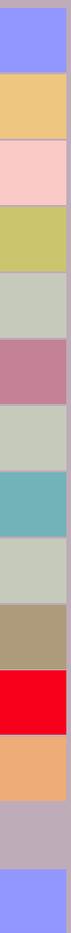


# RESENHA DE DISSERTAÇÃO OU TESE DO PPGCA

**Arguição puta  
de Elaine Bortolanza  
para Augusto Braz**

A Revista Poiésis inaugura neste número nova seção, Resenha de dissertação ou tese do PPGCA.



Trata-se do texto de  
uma Arguição da/do  
Examinador/Examinadora  
Externa da Dissertação  
ou Tese de Mestrado ou  
Doutorado do Programa.

Querido Augusto,

Antes de mais nada agradeço o convite para fazer parte desse ritual que marca suas experimentações como artista de programa, que desarranjam os códigos normativos tanto da sua experiência como artista como seu fazer acadêmico, exigindo de você um outro tipo de envolvimento e entrega para tornar possível a aproximação entre esses dois mundos, aparentemente tão distantes, da arte e da prostituição. Agradeço imensamente a você, a Mariana e a Soraya (amiga e Davida como eu), é um prazer fazer parte dessa transa.

Para abrir os trabalhos da banca (já que coube a mim essa tarefa por ser a convidada de fora), gostaria de pedir licença para começar falando da Gabriela Leite e do legado que ela deixou, ainda hoje pouco visível no ambiente acadêmico e artístico. Gabriela adorava usar a palavra *transa* e a usava corriqueiramente como verbo. Transar fazia parte das suas conversas de botequim com amigos e aliados de luta, dos seus discursos em Brasília ou na ONU, bem como das suas escritas-guerrilhas na coluna do jornal *Beijo da rua*, e-mails, post-its etc., todos esses lugares em que ela transava sua militância política.

Gabi, como a chamávamos, gostava de fabular sua existência com as palavras. Foi a literatura que deu a ela, que nasceu Otilia, o desejo de criar outras mulheres e com elas imaginar outras existências para as prostitutas. Foi a palavra puta a força propulsora que fez Gabi sonhar uma outra realidade para essa legião de putas-artistas de ruas, esquinas, becos, botecos, bordéis, zonas; lugares à deriva que compõem essa vertiginosa paisagem sonora, visual e imaginária dos nossos desejos, e, como escancara Augusto na sua dissertação-livro, apesar da repulsa e incômodos que ainda causam continuam afetando o nosso imaginário social, cultural, estético e político. Além disso, no seu *trottoir* as putas são continuamente afetadas ao se colocarem disponível nesta zona indiscernível do desejo. Chamei esse não-lugar de *Zonas de promiscuidade*<sup>1</sup>, lugar em que o desejo pulsa por

novos arranjos, combinações; um devir que se dá no encontro com o desconhecido, com o não-sabido, ou seja, com aquilo que escapa à trama moral e aos códigos normativos que moldam e aprisionam a sexualidade e os sexos.

É nesse encontro da puta com o programa (Augusto nos deixa ler a multiplicidade de encontros que se dá em um programa, além da já sabida prestação dos serviços sexuais) que se instaura um outro tipo de convivência com a diferença, no espaço de uma alteridade, *em intercessão com o outro de si mesmo*<sup>2</sup>, no qual o corpo é atravessado por forças do mundo que o fazem vibrar a potência da coletividade, mobilizando forças de criação que embaralham as identidades rígidas e mornas, permitindo aí outros modos de fabular a sexualidade e os sexos.

Gabriela dizia que era uma mulher pública duas vezes, uma porque era prostituta e outra porque afirmava isso para todo o mundo. *“Eu queria conhecer outros mundos, ser outra mulher”*. A puta atua entre mundos, dá com graça o desejo obsceno de pertencer a muitos. Faz do programa um devir na promiscuidade performativa do sexo-gênero. É *man*Obra viva na presença do desejo. E é isso o que Augusto fez.

Falo a partir das zonas de promiscuidade, lugar que encontrei para nomear e dar corpo a essa experiência que tanto nos mobiliza e, como sinaliza Augusto, nos faz diferenciar proposições artísticas nas quais os corpos de putas e michês são representados ou apropriados, daquelas que partem deles enquanto produtores das suas histórias, narrativas, ações e imagens. Uma fabulação dos devires minoritários da sexualidade. Me parece isso que Augusto chamou de arte, essa abertura intensa para o mundo que arrasta consigo a potência coletiva de criação da vida. Sua dissertação também nos presenteia com uma cartografia de narrativas de putas e michês que

tensionam as fronteiras entre arte e política, instaurando novas formas de luta, a partir de práticas de resistência no campo da arte.

Este objeto-livro-corpo surpreende por sua maneira de trazer o corpo na escrita, mas também o prazer e o gozo. Uma experiência do pensamento que se apresenta como sensação tátil, na medida em que pensar vem carregado de cheiros, sons e sensações que rompem com a ideia colonial-racista de objeto de pesquisa ou de um saber que se apropria da experiência de outro sem se deixar afetar pela sua presença. O que Augusto fez foi se ver com os conceitos, a partir do modo como eles operam na vida, no corpo, expondo fissuras, feridas, vazios, vulnerabilidades, encontrando um saber que se dá na experiência coletiva. Ao cair na vida<sup>3</sup> Augusto produz um território de existência comum entre o artista e a puta.

Ao se dar conta de que essa experiência só pode ser enunciada a partir da partilha desse lugar comum, que permite adentrar nos dispositivos performáticos da prostituição, ele expõe: *“Antes de propor algo da ordem de um programa-performance, eu precisava conhecer a performatividade inerente aos dispositivos performáticos da prostituição, isto é, antes de propor um programa performativo eu precisava experimentar o programa prostitutivo. Para aderir a esse universo, eu precisava investigá-lo de dentro, negociar esse pertencimento, rompendo com os impulsos de representação e simulação, em prol da reinvenção fabulatória do corpo-em-experiência”*.<sup>4</sup> Universo esse que foi marcado pelo seu encontro com uma multiplicidade de experiências, coletivos, pessoas e sobretudo com ele mesmo, que passou a se reconhecer nesse processo como um artista de programa.

Enquanto eu lia e acessava sua pesquisa a partir das suas *chaves conceituais* (*Putaria, Trabalho, Risco,*

Desejo, Memória, Cuidado e Ficção), algumas questões reverberaram aqui, vou trazê-las a partir da experiência que vivi no encontro com o movimento brasileiro de prostitutas, que iniciou há duas décadas no meu encontro com a Gabriela. Vou tentar compartilhar, não sem o receio de não poder contribuir diretamente com a potência do que Augusto traz para pensar a arte contemporânea nesse confronto com a prostituição, que muitas vezes nega ou silencia a potência fabulatória desses corpos.

Para isso, destaco um trecho da sua dissertação: *Por vivenciarem dinâmicas sociais inacessíveis aos corpos que não praticam o sexo pago, os corpos que se prostituem engendram formas singulares de consciência, o que lhes permite construir narrativas, ações e objetos únicos e suficientemente potentes para habitar (e, frequentemente, extrapolar) o campo artístico. Podemos pensar em como a estrutura do programa, da sedução ao orgasmo, se aproxima da ideia de performance. O que mais acontece ali é o resultado da fricção dos corpos... Ao emprestar a definição da Eleonora Fabião, você encontra esse lugar de desconstrução da representação, tão fundamental na arte da performance, que é operada através de um procedimento composicional que ela chama de programa performativo. Programa é motor de experimentação porque a prática do programa cria corpo e relação entre corpos; deflagra negociações de pertencimento; ativa circulações afetivas impensáveis antes da formulação e execução do programa. Programa é motor de experimentação psicofísica e política. Ou para citar palavra cara ao projeto político e teórico de Hanna Arendt, programas são iniciativas.*<sup>5</sup>

A partir daí, você cria seu programa prostitutivo como contraponto ao programa performativo de Fabião, e reafirma assim como na performance, na prostituição também se faz corpo. Também se fazem corpos em

relação, em pleno atrito, a ponto de incendiarem-se, desprogramarem-se, tornarem-se outros. Por um período de tempo outras combinações socioculturais podem se estabelecer, outras significações para os mesmos signos, outras formas de percepção através dos mesmos sentidos. O programa prostitutivo também é motor de experimentação psicofísica e política, em especial de experimentação erótico-sensorial, sociocultural e identitária. E argumenta: *Tal qual performances, prostituições também são composições atípicas de velocidades e operações afetivas extraordinárias que enfatizam a politicidade corpórea do mundo e das relações*<sup>6</sup>. E aí você encontra o conceito de ações-estéticos-políticas do Coletivo 28 de Maio, para nomear como você diz, *ações realizadas coletivamente com propósitos ativistas e rebeldes, inconformes perante violências, assimetrias e hierarquias que sujeitam as pessoas que se prostituem.*

*Não importa mais se somos ou não artistas, ou se isto é arte ou não, mas quais as redes construídas, as zonas de risco e os efeitos quaisquer que são possíveis de causar e de nos afetar: nós, os outros e toda uma comunidade por vir.*<sup>7</sup>

A resistência frequentemente aproxima-se dos modos de fazer artístico, Augusto afirma, das dramaturgias cotidianas, da artisticidade desses corpos e potências estéticas que são mobilizadas em suas vivências. A meu ver, é aqui nesses espaços onde você reconhece a potência fabulatória, na qual se estabelece uma zona de contágio direto entre experimentações da arte fora dos limites daquilo que se convencionou denominar e delimitar como território artístico com as ações-estético-políticas de putas e michês. Ao reconhecer os dispositivos fabulatórios daqueles que trabalham com o sexo e a potência erótica desses corpos, você expõe (e se expõe) a essa zona aberta, ao se lançar na presença radical da experiência

coletiva (não-programável), mas pouco acolhida pela arte contemporânea, ou melhor, pelas estruturas que moldam o sistema da arte.

Podemos concluir com Augusto que programas são iniciativas e produzem ações-estético-políticas. E que essas ações só são reconhecidas quando pensamos putas e michês a partir das suas próprias narrativas, que movimentam tanto as estruturas da arte como suas produções, incluindo as mais diversas linguagens artísticas.

*São produções autobiográficas que atuam entre o íntimo e histórico criando ficções reais... "É a própria arte agora que se dá como tarefa instaurar ficções reais, isto é, criar objetos, procedimentos e processos por meio dos quais o espectador torna-se autor de seu próprio território subjetivo, histórico e geográfico. (...) fazer da ficção um modo de reexistência, de invenção de novas e potentes formas de vida."*<sup>8</sup>

No diálogo com as re-existências que inventam para si uma vida possível a partir das suas produções autobiográficas, a fricção dos mundos em si opera como dispositivo fabulatório de resistência. Este tríptico prostituição-arte-ativismo faz do corpo *manObra* de arte. A puta marca um não-lugar. Com seu devir encorpado de rua, esquinas, cidade, ela manobra dentro com o fora. Linha que cruza o território sagrado da arte e restitui o corpo ardente de ser gente. Zonas de promiscuidade cuja trama da vida a(r)ma a luta.

São as narrativas e vivências cotidianas fonte para suas criações estético-políticas. Suas intimidades dialogam com a dimensão histórica ao gestarem narrativas que dizem respeito aos seus corpos, e, como resistem às violências, como o histórico apagamento da memória dessas produções assim como das suas narrativas orais e escritas. Reivindicam através da arte (da performance, da literatura, entre outras) o direito de existir, sendo a fabulação

muitas vezes um dispositivo de sobre-vivência das suas identidades ativistas. As putas criam um novo gênero ao movimentarem o feminismo nas bordas, ao tensionar as fronteiras entre arte e política.

A invenção do seu personagem como dispositivo de criação para *ficcionar a pessoa que eu seria*, na tentativa de criar uma ficção para si para experimentar o prazer sexual ao projetar no campo do real as narrativas que tensionam as fronteiras do íntimo e o coletivo, a partir dos programas vividos, faz de Augusto um artista de programa.

Ao negociar com seu corpo, fazer um programa com você mesmo, em prol da reinvenção deste *corpo-em-experiência* que, a seu modo, você experimenta como um *programa prostitutivo*, Augusto apresenta uma forma de politizar a arte, ao fazer a crítica sobre a mera troca de papéis entre o artista e a puta, e *as representações engessadas daquilo que esse corpo é ou pode ser*. É por meio das alianças, como o encontro com Isabella em uma aula no PPGCA/UFF, que ele produz novos sentidos para a sua existência como artista, indissociável da dimensão política da performance e, portanto, das narrativas de putas e michês.

Seu trabalho mais recente, *Ninho*, mostra que não existe uma definição para o território que você nomeia de putaria, mas ao criar um objeto de arte que se oferece como espaço de experimentação do desejo, Augusto cria sua definição de putaria: *Ninho visa permitir. Está aberto para selfies, trepadas ou até mesmo como um espaço para estar a sós, por um momento, em meio a uma exposição. Ninho* permite ao outro criar sua própria maneira de performar o desejo, a partir de um lugar que evoca práticas sexuais dissidentes capazes de estabelecer alianças com o campo da arte, além de movimentar outros sentidos sobre o universo da prostituição com o público. O que você faz é performar o seu desejo: a personagem em

mim para ser quem sou. Assim como *na performance, na prostituição também se faz corpo*.

Me chamou a atenção a aproximação entre arte e prostituição na contemporaneidade ser pensada a partir da questão do trabalho e da reivindicação por direitos. Você afirma: *Putas e michês pensam, narram, criam e fabulam. Fazem política, história e – por que não? – arte. Desafiam estruturas de poder e constroem arcações estéticos e performativos para suas existências – os quais frequentemente são incorporados pelo campo das artes – num processo de resistência histórica que terá de ser – mais cedo ou mais tarde – devidamente reconhecido.*<sup>9</sup>

Embora ainda pouco visível e não reconhecido, o trabalho sexual está diretamente relacionado as ações-estéticos-políticas do universo da prostituição. Gabriela, Lourdes e muitas outras mulheres putas produzem novas formas de comunidades com suas organizações, grupos, associações, por meio da relação entre o trabalho sexual e a reivindicação por direitos. Talvez seja esse um dos pontos que mais se relaciona com o *devir puta*, a ideia de reivindicar direitos na intersecção com o coletivo, o espaço público, tensionando a fronteira entre a mulher doméstica e a mulher pública. A criação de redes de afetos neste contexto é ao mesmo tempo cuidado e formas de resistência política.

No entanto, é neste contexto do trabalho onde aparece o maior conflito histórico que prostitutas e trabalhadores sexuais vivenciam, o não reconhecimento daquilo que fazem. E como Augusto nos lembra, a prostituição não é a venda do sexo, mas sim da disponibilidade, do tempo, da intimidade, do desejo, das fantasias, dos afetos. Lourdes Barreto na sua *Putas* autobiografia<sup>10</sup> partilha muitas histórias de como isso, de fato, acontece no trabalho sexual.

Quando houve o reconhecimento da profissão pelo Ministério do Trabalho, ao incluir o trabalho sexual na

Classificação Brasileira de Ocupações (CBO – Brasília, 2002, N<sup>o</sup> 5198), foi realizada uma oficina no Rio de Janeiro para definição e descrição do trabalho realizado<sup>11</sup>. Lemos na descrição sumária da categoria de trabalho de profissional do sexo: *Buscam programas sexuais, atendem e acompanham clientes; participam de ações educativas no campo da sexualidade*; entre outras. São muitas as subversões produzidas nesse ir-e-vir do trabalho sexual que ao resistir as violências históricas lutam incansavelmente pelo reconhecimento dos seus direitos.

Poderíamos também trazer a Daspu<sup>12</sup> que como dispositivo cultural e artístico permitiu que as putas compartilhassem na passarela o trabalho que realizam, pois fora desses contextos o trabalho sexual não é visto nem reconhecido, sendo muitas vezes criminalizado. Isso se deu também com a palavra *puta*, por meio das performances encenadas nesses espaços, podemos mesmo insinuar que o trabalho sexual foi visto como arte contemporânea.

Para Augusto, *a arte como dispositivo de enunciação crítica para putas e michês é uma possibilidade de expandir suas experiências para além do campo do trabalho, colocando suas narrativas em circulação no debate público, evidenciando suas subjetividades sensíveis e criando fissuras no tecido social para emergência de outra gama de discursos e relações associativas que resistem às violências e ressignificam estigmas associados a suas existências.*<sup>13</sup>

*Epítome* manifesta a arte de pensar com o corpo, experimentar com o desejo, tantas vezes mencionadas no seu texto. Esse compensado (feito do seu trabalho *Confessionário*) que vira *Putaria*, e que você chama de *verbo*, me remete a Gabriela e seu verbo transar. Augusto faz da palavra *ação*, ao expressar que *Epítome* compartilha o desafio de *refletir criticamente sobre as relações possíveis entre dois universos, para além dos*

estereótipos exaustivamente (re)afirmados pela cultura dominante. Se, por um lado, a materialidade do objeto evoca a ideia de trabalho enquanto produção/fabricação, seu conteúdo é índice da experiência, remetendo ao caráter imaterial da prostituição, enquanto vivência laboral, mas também libidinal, desterritorializante e marginal.

Ao abordar a experiência da ONG Davida, criada por Gabriela em 1992, e a puta iniciativa Daspu como uma experiência fabulatória com o potencial de revigorar a autoestima das mulheres envolvidas, bem como estabelecer relações afetivas entre integrantes e colaboradoras, relações de cuidado mútuo e construção de comuns, um fenômeno social/midiático, histórico com capacidade de transformar percepções, desestabilizar estigmas e reverter apagamentos<sup>14</sup>, o que Augusto faz é atualizar o devir puta como experiência que se dá para e com o outro, o coletivo, a cidade, a sociedade. Um corpo-cidade que escancara a super dose de humanidade e a incansável batalha dessas mulheres, que como Tereza Batista, personagem de Jorge Amado, vem produzindo novos sentidos para aquilo que entendemos como cuidado e trabalho. *Nas moléstias do mundo se acostumam ao pus, no desprezo dos virtuosos, dos amargos e dos bem-postos aprendem quão pouco vale a vida e o muito que ela vale; tem a pele curtida e um travo na boca, ainda assim não são áridas e secas, indiferentes ao sofrimento alheio – são valentes de desmedida coragem, mulheres-da-vida, o nome diz tudo.*<sup>15</sup>

Lourdes na sua *Putas Autobiografia* reverbera com todas as letras essa desmedida coragem das mulheres-da-vida: *Dei prazer para toda uma sociedade, não tenho como negar isso. Uma sociedade que por vezes não tem memória.*

É a partir da ideia de prazer como cuidado que Lourdes escreve o trabalho sexual. Como memória viva do movimento brasileiro de prostitutas, Lourdes faz uma espécie de taxonomia do trabalho de uma puta, a partir

da experiência nos diversos contextos em que trabalhou, como cabaré, dançarina de cartão, zona confinada, rua, calçada, garimpo, navio fundiário, presídio, entre tantos outros. Sua narrativa em ondas esbarra na definição trazida por Annie Sprinkle, pois ambas criam conceitos a partir das suas fabulações radicais, ou seja, a partir desse lugar do desejo, do *corpo-em-experiência*. Ao confrontarem a realidade nas zonas de promiscuidade da sexualidade, rasgam as fronteiras entre arte e política, desnudando o campo de batalha do desejo entre o individual e o coletivo, o sexo e a norma.

Como um artista de programa, Augusto rejeita a priori os sentidos dominantes da prostituição e a necessidade de dar conta da complexidade do trabalho sexual na contemporaneidade, ou dos termos usados para descrever o trabalho de uma puta (ou do michê), assim como foge das tensões contemporâneas que convocam as disputarias em torno da prostituição, que circulam no universo acadêmico, artístico e também no ativismo. Ao se desprender dessas disputarias, Augusto entrevê a prostituição *em plena relação com o meio social e – por que não? – com o meio artístico* confiando a elas o *poder de cura*, ao revelar o cuidado a partir desse lugar histórico ocupado pelas prostitutas, ao romperem com a divisão sexual do trabalho e colocar o prazer nas ruas, esquinas e espaços públicos. Uma dimensão do cuidado que é inseparável do prazer e, por sua vez, da potência de criação da vida. Transformar o prazer em política pública, eis a fabulação radical das putas!

---

Dissertação de Mestrado em Estudos Contemporâneos das Artes BRAZ, Augusto. Orientador: Mariana Rodrigues Pimentel. Banca: Eliana Bortolanza/PUC-SP; Guilherme Altmayer/ESDI-UERJ; Luiz Guilherme Vergara/PPGCA; Jorge Luiz Rocha de Vasconcellos/PPGCA. Dissertação defendida no dia 08 de novembro de 2023, às 14H. Local: Xow Rumi, à Rua Benjamin Constant, 125, Bairro da Glória/Rio-RJ.

## NOTAS

- 1 BORTOLANZA, E. Zonas de Promiscuidade: trottoir do desejo sexual. Tese de doutorado defendida no Núcleo de Estudos da Subjetividade – Pontifícia Universidade Católica PUC SP, São Paulo, 2012; BORTOLANZA, E. Zonas de promiscuidade: trottoir do desejo sexual In SIMÕES, Soraya; SILVA, Hélio; MORAES, Aparecida. (Org.). *Prostituição e outras formas de amor*. Niterói: Editora da UFF, 2014 (p. 265-286).
- 2 Fabulemos! Ou como resistir à ficção. In: 28 DE MAIO, Coletivo. VASCONCELLOS, Jorge; PIMENTEL, Mariana. Coletivo 28 de Maio - arte e lutas minoritárias. Coleção Teses & Ensaios Críticos. Rio de Janeiro: PPGCA-UFF/ Editora Circuito, 2023.
- 3 Expressão muito utilizada entre as pessoas que exercem o trabalho sexual, especialmente em relação as mulheres ao iniciarem a vida como prostituta.
- 4 BRAZ, Augusto. *Artistas de Programa: fabulações radicais de putas e michês*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense – PPGCA/UFF, sob a orientação da Profa. Dra. Mariana Rodrigues Pimentel.
- 5 BRAZ, A. P.38
- 6 BRAZ, A. pag. 40-42
- 7 28 DE MAIO, Coletivo. VASCONCELLOS, Jorge; PIMENTEL, Mariana. Coletivo 28 de Maio - arte e lutas minoritárias. Coleção Teses & Ensaios Críticos. Rio de Janeiro: PPGCA-UFF/ Editora Circuito, 2023., p. 149-150.
- 8 28 DE MAIO, Coletivo. p.116.
- 9 BRAZ, Augusto. p. 191.
- 10 BARRETO, Lourdes. Puta autobiografia. Curadoria e organização BARRETO, Leila e BORTOLANZA, Elaine. 1ª edição editora Paka-Tatu, Belém, 2022; 2ª edição Editora Claraboia, São Paulo, 2023.
- 11 Para saber mais, recomendo ler o artigo de Soraya Silveira Simões sobre a luta do reconhecimento profissional de prostitutas no Brasil.  
<https://app.uff.br/riuff/handle/1/11963?locale-attribute=es>
- 12 A grife Daspu foi criada em 2005 por Gabriela Leite como um projeto da ONG Davida, mas com a repercussão e o afeto gerado pela sua proposição tornou-se um dispositivo artístico-cultural que dialoga com as questões relacionadas ao corpo no embate com a sexualidade, gênero, cidade e prostituição. Como passarela de luta realiza há 18 anos desfiles, performances e intervenções em espaços culturais, teatros, museus, universidades e na rua, em diálogo e proposições com outros coletivos de resistência liderados por putas, travestis, artistas e ativistas. De 2013 a 2022 realizei um trabalho de curadoria e produção cultural da Daspu no intuito de estabelecer alianças e dar visibilidade à memória e história do movimento, assim como produção de pesquisa e publicações relacionadas a essas experiências.
- 13 BRAZ, Augusto, p. 207.
- 14 BRAZ, Augusto. p. 217.
- 15 AMADO, Jorge. *Tereza Batista cansada de guerra*. P. 233.